

## ENTRE VICISSITUDES E POSSIBILIDADES: O PONTO DE VISTA DOS JOVENS SOBRE SITUAÇÕES QUE OS AFETAM EM UM BAIRRO DA CIDADE DE SALVADOR, NA BAHIA<sup>1</sup>

**Adriana Miranda Pimentel** Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Federal da Bahia.

### Resumo

O artigo apresenta o ponto de vista dos jovens sobre situações que os afetam em um bairro da cidade de Salvador. Parte de uma discussão sobre como o campo da saúde identifica e interpreta situações de vida como problemas de saúde, negligenciando os contextos onde sujeitos vivem e constroem possibilidades. Uma etnografia do bairro favoreceu conhecer histórias, lugares, práticas e os jovens participantes do estudo. Foram realizadas entrevistas aprofundadas e observação das práticas desenvolvidas por eles no local. Para os jovens, o bairro apresenta problemas como violência – diretamente relacionada ao uso e tráfico de drogas – que não afetam apenas os jovens. São situações indesejáveis que mantêm forte relação com suas trajetórias de vida e o contexto local onde vivem. Essas situações experimentadas pelos jovens são marcadas por vicissitudes, mas também transformadas por eles quando lhes atribuem novos sentidos e significados através das práticas que produzem neste contexto.

**Palavras-chave:** Violência; Drogas; Jovens; Bairro; Etnografia.

### BETWEEN VICISSITUDES AND POSSIBILITIES: THE VIEWS OF YOUNG PEOPLE ON THE SITUATIONS AFFECTING THEM IN A BOROUGH OF THE CITY OF SALVADOR, BAHIA

### Abstract

This article presents the views of young people on the situations affecting them in a borough of the city of Salvador. It begins by discussing how the health sector identifies and interprets certain situations faced in life as health problems, without considering the context in which individuals live and create opportunities for themselves. An ethnography of the borough contributed to learning about the young people participating in the study and related stories, places and practices. In-depth interviews and observations of their practices in the location were conducted. For the young people, the borough presents problems such as violence – directly connected to drug use and dealing – that affect not only the young people. These are undesirable situations that have a strong relationship with their life trajectory and the local context where they live. The situations experienced by the young people are marked by vicissitudes, but are also transformed by them when, through their practices in this context, they attribute new meanings and significance to these situations.

**Keywords:** Violence; Drugs; Young People; Borough; Ethnography.

## INTRODUÇÃO

Os jovens têm sido cada vez mais enfatizados em estudos e pesquisas no campo da saúde, sobretudo no que se refere a problemas relacionados à violência e à sexualidade. Esses estudos focalizam riscos aos quais os jovens estão expostos e evidenciam seus comportamentos e atitudes como aspectos diretamente relacionados aos problemas específicos

<sup>1</sup> Este artigo é oriundo da tese de doutorado defendida pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que recebeu financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Projeto aprovado pelo Comitê de Ética do ISC/UFBA, Registro CEP: 006-08/ CEP-ISC.

deste grupo.<sup>(1)</sup> O número alarmante de homicídios de que jovens são vítimas ou perpetradores, o aumento significativo dos casos de HIV/Aids e de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), assim como da gravidez precoce, são alguns dos principais temas que têm mobilizado estudos na saúde nas últimas décadas. Entretanto, pouco se discute sobre o ponto de vista do jovem, reconhecendo a diversidade e singularidade dos contextos de vida em que estão inseridos e, especialmente, daquilo que é produzido por eles – suas práticas cotidianas.

Comumente, a saúde dos adolescentes e jovens funda-se em “problemas” que são medidos dentro de uma lógica normativa. A relação entre saúde-doença e norma-desordem, incluindo todos os aspectos históricos envolvidos no surgimento desses binômios e dos espaços onde se instituíram, é fundamental para compreender as concepções atuais de saúde e doença.<sup>(2,3)</sup> Assim também para o que frequentemente se intitula “problema de saúde” dos jovens, “problemas” esses criados por necessidades e interesses de determinados grupos e, mais especificamente, para atender a grupos e instituições com maior poder social.<sup>(4)</sup> Para Teixeira,<sup>(5)</sup> problema de saúde pode ser entendido como “qualquer acontecimento fora dos padrões de normalidade para quem está analisando uma determinada situação” (p. 3).

No Brasil, em meados da década de 1990, surge um programa específico para os adolescentes<sup>(6)</sup> em decorrência dos principais problemas de saúde desse grupo, “exposto a situações de risco” como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, violências e abuso de drogas. A partir daí, outros documentos foram elaborados, frutos de estudos no campo da saúde do adolescente, campo este definido por um arcabouço de situações-problemas que incidem sobre a faixa etária entre 10 e 24 anos.<sup>(7)</sup> Ao longo desses anos, em todo o país, projetou-se uma série de programas e projetos, governamentais e não-governamentais, sustentados em estatísticas e informações sobre os problemas de saúde e riscos a que adolescentes e jovens estão mais expostos, no intuito de minimizar esses problemas. O que se percebe, porém, é que não há uma discussão que extrapole o lugar do problema ou do risco de sua ocorrência, particularmente no que se refere à responsabilização dos jovens por esses acontecimentos.

O enfoque nos riscos como estratégia para responsabilizar os indivíduos e obscurecer questões sociais latentes foi objeto de discussão de Luiz e Cohn em artigo que analisa o uso do risco na sociedade contemporânea, particularmente no campo da saúde.<sup>(8)</sup> O risco assume um lugar importante no que tange à saúde dos jovens.<sup>(9)</sup> Recentemente, este conceito vem sendo problematizado por alguns autores, que abrem possibilidade para novas perspectivas, como a noção de vulnerabilidade.<sup>(10,11)</sup> Isso implica um deslocamento da leitura sobre os

problemas de saúde de determinados grupos que vá da responsabilização individual (fatores, comportamentos e grupos de risco) para uma leitura sobre a situação geratriz desses problemas.

Estas discussões têm provocado mudanças, no campo da saúde, no modo como os problemas de determinados grupos são analisados, mas chama atenção a escassez de estudos que problematizem sobre o lugar do risco como algo imanente à vida, um aspecto indissociável dos mundos da vida dos sujeitos.<sup>(12)</sup> Silva<sup>(13)</sup> discute a relação risco e prazer nas práticas de *barebacking*, reconhecendo que há outros sentidos nas entrelinhas de práticas sexuais não seguras que precisam ser compreendidos em suas múltiplas dimensões. Na mesma linha, Ayres<sup>(14,15)</sup> retoma a concepção de risco, tal como esta foi se constituindo na epidemiologia, atualizando-a para refletir sobre situações de vida que não se circunscrevem ao controle de uma ciência. Mais recentemente, este autor busca na fenomenologia hermenêutica elementos que problematizem sobre as práticas de saúde, no momento em que ele coloca em questão os sujeitos que delas fazem parte. Nesta discussão, são necessários outros referenciais que considerem a complexidade das situações que se apresentam, bem como as diversas possibilidades que surgem a partir da abertura para o novo.<sup>(16,17)</sup>

Nas ciências sociais, a noção de contingências proposta por Bruseke<sup>(18)</sup> parece oportuna para repensar o modo como o conceito de risco tem sido amplamente utilizado no campo da saúde. Tomando como referência a discussão sobre risco e contingência levantada pelo autor, percebo que há uma dialética entre vicissitudes e possibilidades ao me deparar com as situações de vida dos jovens. Deste modo, instabilidades, inconstâncias e insucessos, o que intitulo como vicissitudes, estão indissociados da abertura de possibilidades que estas possam oferecer.

Em geral, há uma correlação quase natural entre risco e perigo, ou seja, é preciso evitar o risco para manter a vida e proteger-se dos infortúnios.<sup>(19)</sup> O risco normalmente está atrelado a um aspecto negativo e cabe ao campo da saúde desenvolver estratégias para erradicá-lo. Todavia, falar das situações de vida das populações, particularmente nos grandes centros urbanos em tempos de modernidade, implica analisar o risco sobre outras perspectivas. Assim a fenomenologia hermenêutica pode ser uma via.<sup>(20,21)</sup> O que faz desse argumento algo interessante para a proposta em estudo é o entendimento do sujeito como um ser de possibilidades, de poder-ser; que faz escolhas a partir das possibilidades, e, nesse sentido, é livre. Suas escolhas, em um universo de possibilidades, têm também limites que, todavia, não estão dados. As possibilidades vão além do que se imagina e do uso que se faz

delas. Quando se pensa nos riscos a que jovens estão suscetíveis, veem-se os riscos como algo próprio dos jovens, mas não como algo que faz parte do mundo deles e que tem significados próprios para eles, a partir de seus mundos. Tampouco observa-se de que modo o risco é constituinte deste mundo e pode ser, portanto, instrumento para práticas, crenças e modos de estar no mundo e com outros nesse mundo. O objetivo deste artigo é apresentar o ponto de vista dos jovens sobre as situações que os afetam em um bairro pobre da cidade de Salvador, em particular os sentidos e significados que atribuem à violência e às drogas, duas situações que configuram-se na saúde como problemas diretamente relacionados aos jovens.

## O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este artigo origina-se de uma tese de doutorado realizada entre os anos de 2005 e 2009, que buscou compreender os sentidos e significados das práticas culturais produzidas por jovens em um determinado contexto e conhecer as contingências vividas e percebidas nas suas trajetórias biográficas. Esse estudo etnográfico foi orientado pela perspectiva fenomenológica hermenêutica e lançou mão de diferentes estratégias de investigação, entre elas um *survey* do bairro com base em dados secundários, tais como: informações sócio-demográficas, documentos sobre a história de ocupação e planos de urbanização do bairro, material fotográfico e jornalístico entre 1978 e 2007 que reconstituíram a história do bairro. Também foram realizadas entrevistas aprofundadas com os jovens, focalizando suas trajetórias de vida. Foram entrevistados doze jovens entre 18 e 30 anos, três mulheres e nove homens. A escolha dos participantes ocorreu a partir de um estudo exploratório no bairro, desvendando histórias, lugares e práticas juvenis. Entre os jovens estão: Mago, Anjo, Lua, Pérola, Sara, Malcon, Áli, Prometeu, Charles, Castor, Pólux e Cristiano. Estes nomes são fictícios, no intuito de preservar a identidade dos informantes, mas mantêm uma relação direta com elementos trazidos nas suas trajetórias e revelados nos encontros com a pesquisadora.

A análise do material textual foi desenvolvida através de dois processos analíticos de forma simultânea: categorização, com o auxílio do *software* QSR-Nvivo versão 2.0, utilizado para organizar e analisar o conjunto do material a partir de grandes temas; e análise das narrativas, como estratégia para identificar regularidades e variações nas histórias de vida das pessoas acompanhadas pelo estudo.

A construção das narrativas pessoais ocorreu mediante reflexão sobre as experiências vividas. Essas histórias são olhares e leituras possíveis que ocorrem na interação entre o pesquisador e o contexto em que a narrativa foi produzida e dependem do modo como o

informante foi tocado pelo ato de contar suas experiências.<sup>(22)</sup> Assim, os participantes da pesquisa se dispuseram a narrar suas histórias desde a infância, relacionando-as com o contexto atual, e o bairro assumiu um lugar central nestas narrativas. Não houve intervenção da pesquisadora na proposição de temas. Ao contrário, narrar histórias pessoais, trazer atores envolvidos, situar o bairro e reconstituir situações experimentadas levantaram temáticas não esperadas, algumas das quais serão tratadas neste artigo. Temas como violência ou drogas não constavam no roteiro de entrevistas, mas surgiram em diferentes momentos do trabalho de campo, inclusive nas narrativas dos jovens.

Percebe-se, com isso, que a narrativa é um instrumento que faz emergir não apenas o sujeito que fala e seu campo de interações, mas também o contexto local e global no qual está situado. É a leitura que os sujeitos fazem de suas ações cotidianas a partir de um contexto definido. São as pessoas que falam e o significado é sempre dado pelo falante, como refere Ricoeur.<sup>(22)</sup> Esta narrativa é construída com base nas experiências desses sujeitos percebidas temporalmente. As experiências pessoais são narradas e, desse modo, a história vai sendo reconstruída à medida que os sujeitos da história vão refletindo sobre ela, à medida que contam e vão tecendo significados para ela. Adam e Revaz<sup>(23)</sup> chamam de “*mobilar o mundo*”, ou seja, narrar é construir um mundo num tempo e num lugar. Por conseguinte, é necessário conhecer o lugar e seus jovens moradores.

## O BAIRRO E SEUS HABITANTES

Salvador é a terceira cidade mais populosa do Brasil, com 2,7 milhões de pessoas residentes, conforme os dados do Censo 2010.<sup>(24)</sup> Ainda é uma cidade que abriga grande contingente de população proveniente do interior do estado, à procura de melhores condições de vida e trabalho. Apesar do avanço desse contingente para áreas mais afastadas do centro da cidade, onde se encontram os bairros com piores condições de vida, com rede de infraestrutura mais precária, com menor número de equipamentos e que agregam a população de mais baixa renda, é no centro da cidade onde se encontra o espaço mais densamente povoado,<sup>(25)</sup> em particular nas áreas elevadas que teimam em subsistir às pressões dos bairros vizinhos de população mais abastada. É o caso de Cosme de Farias.

A um olhar ingênuo, os bairros pobres nas metrópoles se confundem pela aparente homogeneidade de seus contornos. Todavia, à medida que são adentrados, um mundo se descortina. Dessa aparente uniformidade na paisagem, damos-nos conta de ruas, pessoas e fazeres de um cotidiano que se deve ver *de perto e de dentro*, como refere Magnani.<sup>(26)</sup> O

bairro apresentado é composto de dados numéricos, mapas, gráficos e percentuais,<sup>(12)</sup> mas é também um espaço vivido. Os primeiros registros de ocupação do bairro datam dos anos de 1930, por população preferencialmente oriunda do interior do estado em busca de trabalho. É um bairro que foi sendo ocupado de forma desordenada, irregular, em área de cumeada com encostas e baixadas, encravado no centro da cidade e considerado um dos bairros mais populosos e problemáticos de Salvador. Com precária infra-estrutura, nos 84 hectares vivem aproximadamente 40.000 habitantes,<sup>(27)</sup> em uma área altamente adensada, sem qualquer área verde ou livre para lazer e recreação. Da população total do bairro, 29% está entre 10 e 24 anos. A grande maioria desse percentual é de afro-descendentes, com baixo nível de escolaridade, que não trabalham ou estão na categoria de trabalho informal e não possuem renda fixa. A maioria vive com os pais ou familiares, possui filhos e não se distribui regularmente pelo bairro. Considerando os setores censitários, foi possível perceber que o número de jovens é maior, assim como as condições de vida são mais precárias, nas áreas de encostas do bairro. Este é o perfil geral dos jovens de Cosme de Farias a partir do Censo do IBGE.

Para classificar os jovens no estudo, não foi circunscrita uma faixa etária específica, oficialmente reconhecida, por órgãos como o IBGE ou a Organização Mundial da Saúde. Há pessoas acima de 24 anos, no bairro, que vivem situações de vida similares aos que estão abaixo desta idade. Esta discussão já foi levantada por autores que questionam o uso destas classificações e sugerem uma reflexão maior sobre os contextos de práticas vividos por jovens.<sup>(28,29)</sup> Os jovens acompanhados pela pesquisa podem ser caracterizados da seguinte forma: estão entre 18 e 30 anos, são afro-descendentes, moradores de Cosme de Farias e com trajetórias de vida marcadas por situações cuja lembrança é desagradável. As entrevistas, em geral, começavam pela identificação: meu nome é...; sou... *rapper*, *grafiteiro*, *office-boy*, locutora da rádio, cabeleireiro; nascido em Salvador, Cosme de Farias...; tenho 22, 24, 27 anos; filho de doméstica, dona de casa, diabética, fanática religiosa... Minha principal dificuldade é não ter um trabalho.

Os jovens foram selecionados através de um estudo exploratório no bairro, em espaços onde convivem com certa frequência, tais como a Rádio Comunitária, a Praça central, grupos e associações de moradores. Nesses espaços havia poucas meninas. Encontravam-se predominantemente no espaço doméstico, em atividades de cuidado (de crianças, da casa), ou na escola. Os meninos estavam na rua, a fazer algum trabalho, geralmente como ajudantes de pedreiros, *office boys*, cozinheiros; ou em atividades artísticas, esportivas, políticas e

religiosas, em espaços não institucionais no bairro. Nas falas dos jovens, aparentemente, “*não há muito que dizer sobre a própria vida*”. Traziam a falta de emprego e de renda; a necessidade, mais que vontade, de voltar a estudar por perceberem que não conseguem emprego e as inúmeras dificuldades que têm no dia-a-dia. O lazer e o tempo livre são vividos como um não fazer: “*não há nada para fazer*” e não há dinheiro para ir a parte alguma. Alguns jovens referem que o lazer no bairro é fácil de ver: são os jovens na “*esquina*”, nas ruas, sem nada para fazer; estão na Praça para encontrar amigos; em alguma “*seresta*”, ou ainda “*comendo água*”, como eles chamam fazer uso de bebida alcoólica. Em alguns momentos, andando pelas enormes escadarias que descem para os vales, foi possível perceber inúmeros grupos de jovens, quase sempre homens, sentados nas esquinas olhando quem passa. As encostas e baixadas são espaços mais residenciais, distanciados do centro do bairro e a disposição dos jovens é diferente em relação à dinâmica central. Não há tanta circulação de pessoas, apenas as “*do lugar*”. Áreas de difícil trânsito, pouco recomendadas pelos moradores para um visitante desavisado andar sozinho. Algumas destas áreas são consideradas por eles locais de tráfico de drogas.

Percebo que os jovens transitam pouco pela cidade. Alguns, “*mais descolados*”, acabam conseguindo entrar em uma organização não-governamental ou projeto social. Passam a fazer parte de um grupo, constroem novas relações, conhecem pessoas de outros bairros e circulam mais pela cidade. Outros só transitam entre a casa e local de trabalho, quando estão empregados. E a grande maioria convive a maior parte do tempo com as pessoas do bairro, nas ruas e, especificamente, na própria localidade onde vivem. As relações de amizade acabam acontecendo muito dentro do bairro, bem como os namoros.

Assim se caracterizam os jovens de Cosme de Farias acompanhados por este estudo. É nesse cenário que se apresentam as situações vividas por eles cotidianamente e às quais atribuem sentidos e significados.

## **OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS VICISSITUDES: VIOLÊNCIA E DROGAS PARA OS JOVENS DE COSME DE FARIAS**

A questão das drogas está diretamente relacionada ao aumento da violência no bairro, bem como à falta de oportunidades denunciada pelos jovens acompanhados pela pesquisa. Eles falam em aumento no consumo de drogas e vinculam esse crescimento à expansão do tráfico na região. Há um “*sentimento coletivo*” de que o bairro não é mais o mesmo. Para um dos jovens “*o tráfico é um sintoma*” (Mago). Essa expressão aparece ao lembrar das mortes de

jovens no bairro que, na maioria das vezes, são justificadas pela mídia ou população em geral como “*briga de traficantes*”, pondo fim à discussão. A morte de um traficante ou alguém “*envolvido*” com o tráfico é inquestionada pela maioria dos moradores. Para Mago, o tráfico e sua expansão no bairro escondem algo que não se deseja revelar, mas que, de um modo ou de outro, afeta todos.

É importante destacar que a pesquisa de campo durou aproximadamente dois anos e no decorrer desse período foi possível acompanhar mudanças no que toca à violência. Em meados de 2005, a violência aparecia raramente nas conversas pelo bairro. A partir de 2006, passou a ser recorrente também nos principais jornais da cidade, que noticiavam chacinas e mortes de jovens com maior frequência em relação aos anos anteriores:<sup>(30,31,32,33,34)</sup> “*Eh, não é nocivo, é um bairro tranquilo. Em todo lugar tem certo tipo de violência, violência nos bairros periféricos, né? Mas, nada que venha a ser algo com uma preocupação [...]. Porque, ali naquela minha rua, eh, você sabe que, infelizmente, hoje a droga predomina, né? Eu já vi também muita gente que vendia droga ali apanhar. Já vi também morto, ter morto na hora, tiroteio, tudo isso.* (Sara).

Num primeiro momento, a violência aparece como algo comum a *bairros periféricos*, tal como ocorre em Cosme de Farias. Não é uma particularidade desse bairro. O mesmo acontece quando se fala sobre drogas: “*O tráfico. Tão tendo mais lucro. Cada dia mais. Qualquer lugar que você vai, você acha, mesmo, pessoas até te oferecendo, mesmo, na cara dura... Apesar de que, pra algumas pessoas, é normal, é a normalidade da favela, mesmo. Antes era bem melhor. Antes tinha, mas não era a mesma coisa como tá hoje. Crianças, mesmo. “Você vê meninos de 8, 9, 10 anos, você vê usando mesmo, na cara dura”* (Pérola).

Nos dois fragmentos é possível perceber que, para as jovens, a violência e a droga são fenômenos que sempre existiram no bairro, “*é a normalidade da favela*”, é algo quase “*natural*” nos bairros periféricos. A droga e a violência, assim como tudo o que está relacionado a esses fenômenos, fazem parte de um lugar onde é “*permitida*” a ocorrência de tais situações, é algo que todos conhecem. Essa “*aceitação*” aparente de uma situação pode ser creditada ao modo como diferentes veículos de comunicação enfatizam as situações de violência e tráfico de drogas como específicas e próprias desses lugares, perpetuando crenças, valores e práticas dentro e fora desses espaços. Uma das formas de lidar com essas situações é distanciar-se delas, é “*não ser afetado*”, como refere uma jovem, ao falar das mortes presenciadas na porta de casa: “*nada que viesse, que me afetasse, né? De uma certa forma, você pode até ser afetada indiretamente. Você pode tá no momento, na hora, né? Se sair um*

*tiroteio, você pode receber uma bala perdida sem tá envolvido, né? Dessa forma a violência pode afetar você diretamente. Mas eu nunca fui afetada, graças a Deus”* (Sara). Esta jovem segue uma doutrina religiosa, assim como outros jovens que acompanhei na pesquisa. A inscrição religiosa, para eles, é algo que lhes assegura proteção e trânsito livre pelo bairro, na medida em que são reconhecidos e respeitados pelo conjunto de moradores; a religião lhes credita proteção e salvação. Este aspecto coincide com algumas pesquisas desenvolvidas recentemente que mostram o aumento de jovens vinculados a alguma religião e/ou membros de grupos religiosos,<sup>(35)</sup> assim como o uso que jovens fazem da religião, particularmente em bairros pobres das grandes cidades,<sup>(36)</sup> por exemplo quando missas e cultos são considerados espaços de lazer nos finais de semana para um expressivo número de jovens, ou quando esta inscrição permite livre trânsito pelo bairro, em diferentes localidades e períodos do dia.

Além do aspecto religioso, as narrativas dos jovens trazem consigo outro aspecto relacionado ao sentir-se ou não afetado pela violência: o uso do termo periférico, independentemente da localização do bairro na cidade. Este termo vincula-se a outros, como comunidade ou favela, a redes de sociabilidade conhecidas como galeras e gangues, bem como a determinadas práticas culturais mais comuns nos bairros pobres, como as bandas de rap e os grupos de samba. Entretanto, também está atrelado a lugar propício a todo tipo de clientelismo, devido à precariedade das condições de vida dos moradores.<sup>(37)</sup> Essas características homogeneizantes vão sendo paulatinamente imputadas a bairros como Cosme de Farias e torna-se difícil creditar a esses espaços formas distintas de entendimento e manifestações.

Há outras formas de pensar a *periferia* à medida que se ampliam esses espaços para sujeitos de discursos e práticas – criativos, transformadores, inquietantes. Para tanto, há que se deixar falar o que toca e por quem é tocado, através das experiências que vivem cotidianamente.

Anjo é um jovem negro, cabelo estilo *black power*, com vários *piercings* pelo corpo e que se apresenta com um pseudônimo bastante curioso a partir de uma prática que desenvolve no bairro por causa das mortes de amigos e conhecidos que, com frequência, lá ocorrem. Ele se inquieta com os homicídios e com a falta de indignação na comunidade em relação a isso. Deste modo, acompanha os enterros junto com as famílias. Ele é “o Senhor da Pá”: “O apelido surgiu porquê... através de pessoas, assim... vizinhos, amigos, entes queridos que vieram a falecer, aí, eu tava no enterro, eles pediram, a família, assim, no caso, pediu um [...] junto ao corpo; [...] aí eu fui no enterro de um amigo e observei que o coveiro, no caso, tava

*enterrando essa pessoa parecendo que essa pessoa não simbolizou nada pra ninguém, enterrando parecendo bicho, parecendo que era um cachorro. Então, eu observei isso, então, eu cheguei, eu falei pra mim mesmo que, quando morrer amigo meu, parente meu, pessoas que eu gosto, considero, eu vou pro enterro e eu mesmo vou enterrar essa pessoa, pelo menos eu vou estar enterrando com consideração e sentimento”* (Anjo). Esta narrativa demonstra indignação a respeito do modo como as pessoas vivenciam as mortes; todavia, apresenta uma maneira de lidar com estes acontecimentos e fazer alguma coisa como possibilidade que dê sentido à vida de relações. Estas situações vividas e o modo como se coloca frente a elas permitem que ele se identifique com este lugar e seja reconhecido como alguém de referência no bairro. Nas entrevistas com os jovens ele foi citado em vários momentos com relação às atividades que realiza e ao modo como se solidariza com outros jovens do bairro.

A maneira como cada jovem percebe e *lida-com* estas situações, seja distanciando-se, seja deixando-se *afetar*, tomando de empréstimo a expressão de Favret-Saada,<sup>(38)</sup> depende de aspectos relacionados à sua trajetória de vida, bem como às possibilidades que identifica nesse contexto. A religião, por exemplo, permite compreender a violência a partir de uma determinada perspectiva e também ajuda os jovens a lidar-com essas situações no cotidiano do bairro. Deste modo, sentidos, significados e práticas são atribuídos à violência quando a convivência com mortes constantes de jovens no bairro leva a uma prática de acompanhamento das mães aos enterros dos filhos mortos em circunstâncias violentas de forma mais digna que a habitual.

O bairro, então, está envolvido por situações indesejáveis que desestabilizam a vida dos jovens, mas essas mesmas situações são transformadas por eles em novas práticas que darão outros sentidos e significados a essas situações. Entretanto, as situações de violência relacionadas ao uso e tráfico de drogas não são apenas fruto de circunstâncias externas, próprias de bairros pobres das grandes cidades. Para os jovens do bairro, elas mantêm também uma forte relação com suas trajetórias biográficas. Desse modo, percebo um entrelaçamento entre as circunstâncias de um bairro pobre, as trajetórias biográficas dos jovens e as situações que experimentam e tentam transformar.

Anjo é um jovem que vive com a família. A mãe apresenta transtorno mental, segundo ele devido ao “*fanatismo religioso*”; o pai, um “*derrame*”, que o incapacita para o trabalho. É ele que sustenta a família através de várias atividades que exerce, entre elas o grafite. Seus relatos são permeados por metáforas que sugerem uma forte aproximação com mortes, sofrimentos de família e “*abismos*”, como ele diz. Uma destas situações, experimentada

recentemente, foi o assassinato de um irmão, em um domingo à tarde, quando se preparava para o ensaio aberto da banda de rap em uma localidade de Cosme de Farias. As composições e atividades organizadas ativamente por Anjo revelam seu enraizamento no lugar e outro modo de *ser afetado*, que decorre, em grande medida, de situações vividas em outro tempo, mas também no cotidiano do bairro.

Conforme os relatos em que os jovens reconstroem suas trajetórias, a violência já se fazia presente dentro de casa: na negligência, na escassez, nas agressões sofridas pela mãe devido ao alcoolismo paterno, entre outras. Foi experimentada nas ruas do bairro ou da cidade, por serem jovens negros e sofrerem diversas “*batidas*” policiais. Está na precariedade das condições de vida no bairro, quando este não oferece equipamentos e recursos básicos para os moradores. Para Pólux, outro participante da pesquisa, não há tantas alternativas para a maioria dos jovens do bairro: “[...] *só tem duas vivências, ou entra no mundo da droga ou entra no mundo da cachaça, que é uma droga também. O alcoolismo, no meio dos jovens, assim, é um dos maiores...*”. O “*alcoolismo*” dos pais ou companheiros da mãe está presente, desde a infância, na história de vida de praticamente todos os jovens acompanhados pelo estudo. Para Athayde, Bill e Soares, há correlação entre pobreza, violência, baixa auto-estima e uso de bebida alcoólica, e esses fatores favorecem ainda mais a ocorrência de outros problemas que afetam particularmente estes jovens. Eles não têm muitas oportunidades e se agarram às que aparecem. Situações como o uso de bebida alcoólica continuado são freqüentes em Cosme de Farias: é o lazer nos finais de semana, está presente nos encontros na Praça, é uma forma acessível de diversão e de manter relações para a maioria das pessoas. São situações que passam de pai para filho e se exacerbam à medida que as chances de mudança diminuem. Histórias familiares de fracassos e fracassados que os jovens lutam para não reproduzir: “*Alcoolismo, eu acho que é o campeão, acompanhando com geração de emprego e renda, que não tem uma política pra juventude aqui. Ela [a juventude] não aprende a fazer nada, não tem uma política de incentivo. Os jovens ficam enfiados só em... uma hora ou outra carregando material de alguém pra comprar cachaça. A história tá aqui, ó, o pai carregava material, o filho não estudou [...], o filho é considerado o burro de carga do pai, o cara já tá nas drogas desde os 17 anos. Já tem um tempo, já tem 7 filhos já*” (Castor).

Para eles, o uso de drogas, nas quais o álcool se inclui, justifica-se pela falta de oportunidades para as pessoas do bairro. As histórias se reproduzem, segundo Castor. Na narrativa, ele mostra uma prática comum entre jovens para ganhar algum dinheiro, através de “*biscates*” que realizam para outros moradores ou comerciantes, dentre os quais carregar

tijolos é o mais comum. Os jovens assistiram à labuta dos pais e avós e se veem repetindo a história. São carências que se mantêm ao longo do tempo e, de algum modo, prenunciam o futuro. Os problemas que afetam as pessoas, como o tráfico e a violência, não são novos e não se circunscrevem aos jovens. Para eles, o crescimento e expressão da violência e do uso e tráfico de droga estão diretamente relacionados à falta de opções, algo que é característico do bairro e já vem de muito tempo. Por conta disto, cresce também a busca por alternativas, e a *boca de fumo* pode ser uma. É uma “*falta do que fazer*”, mas é mais que isto. As “*bocas*” ou grupos organizados do tráfico têm também suprido outras carências, além da falta de dinheiro, como bem mostraram Athayde, Bill e Soares:<sup>(39)</sup> “*Os focos da disputa são o coração e a cabeça dos jovens, não é o bolso [...] até porque [a grana] é muito mais que instrumento de aquisição de bens e serviços; ela é, em si mesma, símbolo de poder que confere a quem a possui a aura privilegiada que dignifica, distingue e valoriza.*”

Os jovens ressaltam a inexistência do aparato estatal que, quando existe materialmente, não tem significado para eles, porque não assume os objetivos para o qual foi proposto. Por exemplo, existem seis instituições governamentais no bairro (um centro de saúde modelo tradicional, uma unidade da Casa do Trabalhador, quatro escolas) que do ponto de vista dos jovens não atendem às necessidades e interesses da população. Entretanto, há um número significativo de instituições religiosas (vinte e cinco) e da sociedade civil (vinte e uma) que prestam boa parte dos serviços e disponibilizam seus espaços aos moradores, quando solicitados.<sup>(12)</sup> Esses “vazios” institucionais e simbólicos vão ser ocupados por outros espaços e fazeres, nem sempre interessantes na vida dos jovens, como uso de drogas e vinculação ao tráfico. São a *falta do que fazer*, a impossibilidade de projetos futuros e as reproduções que teimam em se manter neste lugar.

Uma expressão de um jovem é representativa da falta de oportunidades a que estão submetidos: “*ondas devastadoras*”, que os envolvem e os enfraquecem, como se os carregassem para baixo: “*As pessoas são acostumadas a dizer: “Ah, que tem muitas barreiras, e tal, na vida, e que é isso que não deixa a gente caminhar pra lugar nenhum”. Mas eu acho que existe, mesmo, é ondas devastadoras pra jogar a gente na lama, não é? As ondas devastadoras é a dificuldade que a gente tem pra entrar numa faculdade, por exemplo, de a gente conseguir um emprego...*” (Mago). Quando fala dos jovens *envolvidos*, é como se também pensasse em si próprio. Através de outros interlocutores, tomei conhecimento de seu envolvimento com drogas e álcool. As *ondas devastadoras* quase o levaram também. Para outros jovens, foram mais fortes e devastadoras.

Ao falar da droga como algo indissociado da violência, policial e/ou gerada pelo tráfico, os jovens também falam da violência dentro de casa, da violência de um Estado ausente, da violência em aceitar que tudo isso é *natural* nestes lugares, que é a “*normalidade da favela*”. Essas situações afetam os jovens e todos os moradores de bairros pobres das grandes cidades, e não são problemas dos jovens, tampouco podem ser interpretados como problemas de saúde dos jovens apenas. Ao contrário, são situações que têm forte relação com suas histórias pessoais de vida, das pessoas que fazem parte dessas histórias, em um contexto macroeconômico, social e político que teima em existir, sacrificando lugares, histórias e pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos jovens coincidem na medida em que relatam acontecimentos e situações permeados por conflitos familiares, formas de violência, ausência do aparato institucional e muitas fragilidades. Do ponto de vista dos jovens, a questão das drogas e da violência os afeta diferentemente e impõe e/ou cria formas distintas de enfrentamento. Esse modo de *ser afetado* e as práticas que dele decorrem devem-se às suas trajetórias pessoais de vida, marcadas por situações de alcoolismo paterno, agressões familiares e carências, mas também estão atreladas à precariedade das condições de vida do bairro. Há uma indissociabilidade entre os vários aspectos apresentados nas narrativas dos jovens. Um primeiro aspecto relaciona-se ao bairro que passa de um lugar tranquilo, onde “*se conhece todo mundo*”, para outro onde predominam diferentes formas de violência diretamente associadas ao uso e tráfico de drogas. Um segundo, que estas situações percebidas ou vividas por eles remetem inexoravelmente a experiências já conhecidas dentro de casa, com os pais e/ou pessoas com as quais conviveram. Desse modo, ao mesmo tempo em que as experiências negativas vividas pelos jovens muito dificultaram suas vidas e tantas vezes as colocaram em xeque, também suscitaram novas formas de compreender essa realidade e os levaram a produzir novas formas de enfrentamento.

A droga e a violência não são problemas dos jovens, mas uma situação que precisa ser analisada na indissociabilidade com o contexto de vida onde ocorrem. Em Cosme de Farias, essas situações difíceis que afetam todos são sentidas de maneira diferente por cada um. Para alguns, a essas mazelas também se associam diversão, possibilidade de sobrevivência e estratégia para modificar alguma coisa que se tem clareza de não desejar. O bairro é esquecido, é *periferia* e, portanto, é *natural* que seja assim, como eles referem. É um bairro

com 40.000 habitantes, vivendo em 84 hectares, sem um único espaço aberto além de uma Praça central. Um bairro com indicadores de pobreza e com ausência do aparelho estatal não pode ser desconsiderado nas análises sobre situação de vida e saúde de jovens urbanos. É possível perceber que os problemas surgem porque há espaço para que surjam. É na falta e no vazio que aparecem opções e “possibilidades” nem sempre viáveis, mas que irrompem e com respostas aparentemente mais rápidas. Os jovens deixam claro que esses problemas não são deles, mas sim de um bairro esquecido, são problemas que afetam todos os moradores, direta ou indiretamente. Na falta de outros recursos e espaços de sociabilidade, formação, condições e afeto, há espaço para o tráfico, para o prazer através do álcool e outras drogas e para a violência como estratégias, também, de sobrevivência. Nesse sentido, a falta do que fazer é uma expressão constante. A maioria dos jovens acompanhados concorda que a solução para as situações que mais os afligem seria a criação de espaços que promovessem cultura, lazer, esporte e formação. Em outro artigo, discuto as práticas que eles desenvolvem no bairro, a partir dos usos que fazem e dos recursos que encontram no local, bem como das próprias vicissitudes que enfrentam cotidianamente. Vale ressaltar que essas práticas ocorrem independentemente das instituições existentes e configuram-se no estudo como práticas de resistência localmente situadas.<sup>(40)</sup>

Em vez de focalizar os problemas, é necessário refletir sobre os modos particulares de vida em cada contexto propriamente, que deve ser compreendido no âmbito local, assim como incluir a dimensão global na qual as pessoas estão envolvidas. São situações novas, que exigem múltiplas formas de enfrentamento, conhecimentos cada vez mais diversificados e flexibilidade para lidar com elas. Cosme de Farias é parte de um contexto global mais amplo, mas também lugar onde se desenrolam histórias e práticas que singularizam estes jovens.

## REFERÊNCIAS

1. Sena CA, Colares V. Comportamentos de risco para a saúde entre adolescentes em conflito com a lei. *Cad Saúde Pública*. 2008; 24(10): 2314-22.
2. Canguilhem G. *O normal e o patológico*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2006.
3. Caponi S. A saúde como abertura ao risco. In: Czeresnia D, Freitas CM. (Orgs). *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 55-77.
4. Nader L, Gonzalez RJ. The framing of teenage health care: organizations, culture, and control. *Cult Med Psychiatry*. 2000; (24):231-58.

5. Teixeira CF. Planejamento e programação local da vigilância da saúde. 1996 (Manuscrito).
6. Ministério da Saúde (BR). Programa Saúde do Adolescente: bases programáticas. 2. ed. Brasília: O Ministério; 1996.
7. Ministério da Saúde (BR). Manual técnico de saúde do adolescente e do jovem. Brasília: O Ministério; 2001.
8. Luiz OC, Cohn A. Sociedade de risco e risco epidemiológico. Cad Saúde Pública. 2006; 22(11):2339-48.
9. Ayres JRCM. O enfoque de risco na programação em saúde: fundamentos e perspectivas. Saúde Soc. 1995; 4(1-2):1-4.
10. Ayres JRCM et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM (Orgs). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p.117-39.
11. Adorno RCF. Capacitação solidária: um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social. São Paulo: AAPCS; 2001 [acesso em 28 Nov. 2008]. Disponível em: <http://www.bvs-sp.fsp.usp.br/tecom/docs/2001/ado001.pdf>.
12. Pimentel AM. Práticas culturais dos jovens: um novo olhar sobre os jovens no campo da saúde. Salvador. Tese [Doutorado] – Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia; 2009.
13. Silva LAV. Barebacking e a possibilidade de soroconversão. Cad Saúde Pública. 2009; 25(6):1381-89.
14. Ayres JRCM. Risco, razão tecnológica e o mistério da saúde. Interface Comun Saúde Educ. 2007; 11(21): 45-63.
15. Ayres JRCM. Epidemiologia, promoção da saúde e o paradoxo do risco. Rev Bras Epidemiol. 2002; 5(Supl1):28-42.
16. Ayres JRCM. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Saúde Soc. 2004; 13(3):16-29.
17. Ayres JRCM. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. Ciênc Saúde Coletiva. 2001; 6(1):63-72.
18. Bruseke J. Risco e contingência. Rev Bras Ciências Sociais 2007; 22(63):69-80.
19. La Mendola S. O sentido do risco. Tempo Soc. 2005; 17(2):59-91.
20. Heidegger M. Seminários de Zollikon. Boss M (Ed). São Paulo/Petrópolis: Educ/Vozes; 2001.

21. Dreyfus HL. Ser-en-el-mundo: comentários a la division I de Ser y Tiempo de Martin Heidegger. Santiago, Chile: Cuatro Vientos; 1996.
22. Ricouer P. Narratividade, fenomenología y hermenéutica. *Análisi* 2000; (25): 189-207.
23. Adam J, Revaz F. A análise da narrativa. Lisboa: Gradiva; 1997.
24. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. População jovem no Brasil: a dimensão demográfica [acesso em: 26 Out. 2004]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.
25. Fernandes CM. Condições demográficas. In: Carvalho IMM, Pereira GC (Orgs). Como anda Salvador. Salvador: Edufba; 2006. p.55-82.
26. Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev Brasileira de Ciências Sociais*. 2002 Jun; 17(49): 11-29.
27. Companhia De Desenvolvimento Urbano Da Bahia – CONDER. Dados sociodemográficos do bairro de Cosme de Farias. Salvador: IBGE/SIG; 2005.
28. Magnani JGC. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Soc*. 2005; 17(2):173-205.
29. Bucholtz M. Youth and cultural practice. *Annu Rev Anthropology*. 2002; 31:525-52.
30. Tiroteio em Cosme de Farias deixa um morto. *A Tarde*. 2008 Out. 17; Caderno Cidades [acesso em 15 Mar. 2009]. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=987093>.
31. CENTEL registra sete assassinatos em Salvador e RMS nas últimas 12 horas. *A Tarde*. 2008 Dez 2; caderno Cidades [acesso em 15 Mar. 2009]. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1021477>.
32. Cirino H. Moradores de Cosme de Farias lamentam clima de violência. *A Tarde*. 2007 out. 29.
33. Cirino H. Chacina deixa 4 mortos e 5 feridos em Cosme de Farias. *A Tarde*. 2007 Out. 8; Salvador e região metropolitana.
34. Santa Rosa F. Mortes na passarela do Bonocô. *A Tarde*. 2006 Set. 10.
35. Almeida R, Montero P. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*. 2001; 15(3):92-101.
36. Brenner AK, Dayrell J, Carrano P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: Abramo HW, Branco PPM (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania; 2005.
37. Ferrari F et al (Orgs) [editorial]. *Sexta Feira* 2006; (8-Periferia):4-5.

38. Favret-Saada J. Être affecté. *Gradhiva* 1990;(8):3-10.

39. Athayde C, Mv Bill, Soares LE. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2005.

40. Pimentel AM. Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Etnográfica*. 2012; 16(1):31-51.